



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MAIÊUTICA: UMA EXPERIÊNCIA CORPOGRÁFICA DECOLONIAL ENQUANTO MICROPOLÍTICA URBANA

Heidy Bello Medina

heidy.bello@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

Brasil

Raquel Mützenbergr Andrade

raquelmutzenberg@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

Brasil

Maria Thereza Azevedo

maritheaz@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

Brasil

RESUMO

O presente trabalho discute a performance de rua *Maiêutica* da artista Raquel Mützenbergr, enquanto uma metáfora decolonial do corpo feminino. Ao refletir sobre a construção do espaço da cidade e a produção de subjetividades que se diluem transformando-o em lugar, as micropolíticas urbanas surgem para pensar sobre as relações poder/saber, e possivelmente gerar uma ruptura decolonial. A arte no cenário urbano é potencializadora do conhecimento da cidade a partir do sensível (Thibaud, 2012), pois o encontro das artes cênicas com o espaço urbano permite outras compreensões da realidade (Mignolo, 2003). Na rua são possíveis encontros e discursos que desvirtuam saberes hegemônicos, o que sugere a criação da própria cidade, processo que é pensado aqui a partir da corpografia urbana (Jacques; Britto, 2008) enquanto uma micro-resistência, que se dá quando um corpo experimenta um espaço urbano não espetacular. *Maiêutica* como produção cênica da rua torna possível encontros sensoriais para pensar na arte desde a *aesthesis decolonial* (Mignolo, 2010), mas também na relação mulher/espaço, considerando a antropologia da experiência (Turner, 1985).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Palavras-chave: Corpo feminino. Estética decolonial. Arte da cena. Micropolíticas urbanas.

ABSTRACT

The present work discusses *Maiêutica*, a street performance by the artist Raquel Mützenberg, as a decolonial metaphor of the female body. When reflecting on the construction of the city's space and the production of subjectivities that are diluted into a place, urban micropolitics arise to think about power/knowledge relations, and possibly generate a decolonial rupture. The art in the urban scene is a potential of knowledge of the city from the sensitive (Thibaud, 2012), since the encounter of the performing arts with the urban space allows other understandings of reality (Mignolo, 2003). At the street, encounters and speeches are possible that distort hegemonic knowledge, which suggests the creation of the city itself, a process that is discussed here from the urban bodygraphy (Jacques, Britto, 2008) as a micro-resistance, which occurs when a body experience a not spectacular urban space (Turner, 1985). In this work, it is possible to study street theatre (Mignolo, 2010), but also in the relation between woman and space, considering the anthropology of experience.

Keywords: Female body. Aesthetic decolonial. Performing arts. Urban micropolitics.

I. Introdução

A relação mulher/espço urbano pondera uma discussão que tem sido colocada como relevante nas discussões da contemporaneidade. A abordagem de dita temática demanda estabelecer diálogos interdisciplinares que permitam teorizá-la a partir das situações cotidianas que a alimentam. A pesquisa “*Maiêutica: uma experiência corpográfica decolonial enquanto micropolítica urbana*”, em andamento, tem o intuito de pensar a relação do corpo feminino como criador do espaço urbano a partir da prática da errância, ponderando a arte de cena de rua de Cuiabá (Mato Grosso -Brasil), como ferramenta para compreender a realidade, a partir do postulado da decolonialidade.

Maiêutica, performance do teatro de formas animadas, foi criada por Mützenberg durante uma residência com a bonequeira Natacha Belova, como consequência das afetações geradas logo de conhecer múltiplos relatos sobre os partos e a violência obstétrica que amigas e conhecidas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

experimentaram. Partindo da ideia do parto humanizado e a forma como ao parir se desdobrava outro corpo, a artista construiu uma boneca que aparenta estar grávida, e através do ato performativo desenvolveu a ideia de se parir a si mesma, a boneca pare a sua própria cabeça.

Fundamentada desde o significado de dar parto às ideias, Maiêutica propõe debater o corpo feminino, mas sua proposta supera as fronteiras. Ao se produzir no ambiente de rua, se desdobra a presente discussão da relação corpo feminino como criador para pensar que ao parir na rua também é a rua a que se pare.

A criação da cidade pensada neste texto irá à busca do viés da relação ser-lugar que vai além da conceptualização do design, da planificação urbanística e gera uma orientação humanística. Ponderando a experiência contemporânea que privilegia as sensibilidades e coloca o corpo como intermediário entre o urbano, o ontológico, o político e o estético, isto levando em consideração que a corporeidade tem sido considerada como relevante nas discussões dos estudos referentes às cidades.

A proposta de pesquisa reconhece o corpo performativo e o coloca como potencializador da criação do espaço urbano possibilitando pensar o corpo feminino para além dos discursos científicos que o desvalorizam para manter estereótipos de superioridade masculina dentro de um sistema patriarcal. Logo, ao atribuir aos sentidos uma percepção da rua necessária que possibilita pensar a relação corpo feminino-cidade, gera-se uma discussão sobre aquilo que Walter Mignolo nomeou *Aiethesis decolonial*.

II. Marco teórico

Os discursos flutuam, marcam, constroem e perpetuam lentes para enxergar a realidade. Ainda que permaneçam lentes e discursos, questioná-los também deve ser uma tarefa duradoura, constante e necessária, como menciona Félix Guattari:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os enunciados continuarão a flutuar no vazio, indecisos, enquanto agentes coletivos de enunciação não forem capazes de explorar as coisas na realidade, enquanto não dispusermos de nenhum meio de recuo em relação à ideologia dominante que nos gruda na pele, que fala de si mesma em nós mesmos, que, apesar da gente, nos leva para as piores besteiras, as piores repetições e tende a fazer com que sejamos sempre derrotados nos mesmos caminhos já trilhados. (1977, p. 18).

Partimos desde a lente da pele na qual se grudam diversos tipos de discursos, para pensar uma abordagem da investigação que parte das micropolíticas urbanas, como formas e potencialidades que permitem questionar as relações de poder/saber, neste caso, na construção da própria cidade e desde a arte de cena de rua como um lugar de pensamento ligado aos estudos subalternos, onde se produzem outros saberes desde os processos decoloniais que pensam as "ações afetivas como um tipo de racionalidade" (Mignolo, 2003).

A micropolítica, seguindo Guattari, alude a evidenciar o modo como o poder forma a subjetividade, uma subjetividade que considera plural, polifônica (1992). Logo, é necessário estudar os termos do poder como produtor tanto de saberes como de subjetividades, ideologias e agenciamentos, considerando que a micropolítica se refere, sobretudo, as singularidades relacionadas ao corpo, na sua capacidade de afetar e ser afetado, e ao desejo: “A questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominante” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 133).

Portanto, refletir sobre as Micropolíticas urbanas (Bello Medina, 2017) como o poder através do qual as pessoas comuns são produtores do espaço urbano através de manifestações moleculares para subverter o planejamento urbanístico capitalista, permite colocar em discussão os processos de subjetivação que condiciona os sujeitos a usos restringidos do espaço e do tempo nesse espaço para gerar segregação dos corpos no cenário citadino.

A proposta de micropolíticas urbanas baseia-se no trabalho de Guattari, em companhia de Deleuze e Rolnik, sobre as segmentaridades que se apresentam no contexto do Capitalismo Mundial



Integrado (CMI), onde este é produtor subjetividades, para questionar a forma como essas subjetividades dominantes são ou não reproduzidas.

A performance Maiêutica se pondera como possibilitadora da construção de um correlato arte/cidade, entanto possibilita pensar no cotidiano no espaço urbano, mas, para além disso, possibilita colocar a arte como libertadora na criação do conhecimento da cidade, sendo a arte que permite desvendar discursos instaurados tanto sobre a cidade, como no que diz respeito do corpo feminino como criador. Portanto, é necessário repensar os discursos embora continuem fluindo e se albergando através de diferentes processos como o da colonialidade.

Menciona Mignolo: “Vivimos en un tiempo en el que no sólo es importante hacer una obra de arte, sino que también es esencial cuestionar la(s) condición(es) de nuestras vidas, la forma en que nuestras vidas son producidas(...)” (2011, P. 5). Consideramos as micropolíticas e a arte para pensar nos processos de produção da subjetivação e a forma como se pensa e se cria a cidade a partir dos corpos femininos, mas também levando em conta a forma como a colonização tem perpetuado discursos e saberes desde a opressão e a negação, enfatizando na naturalização de ações desde o sentir (aesthesis) e desde o saber (epistemologia).

Assim, os processos decoloniais procuram criar modos para sair de lugares de repressão, desvelando as características da colonialidade que tem construído esses discursos imperiais (Mignolo, 2011). Pensar em estas possibilidades indica seguir um rumo que pense nas questões referentes ao corpo feminino, a cidade e a arte para expor desde as corpografias urbanas um caminho para o ser desde o encontro com a performance Maiêutica.

A partir da aesthesis, pensada como a capacidade dos corpos que apresentam um sistema nervoso, pensou-se uma pesquisa que conduz à reflexão tanto da arte e suas possibilidades de compreensão da realidade desde o estudo da estética decolonial, tanto da leitura sensível da cidade



para criar o espaço urbano, desde antropologia urbana. Deste modo, reflete-se desde a construção de um correlato arte-cidade, ponderando a arte de cena de rua dada a partir da performance Maiêutica.

A aesthesis para pensar a realidade e parir um corpo criador

A estética é uma derivação de aesthesis, a palavra do grego antigo que faz referência às sensações (visual, auditiva, gustativa). A partir do S. XVII o termo é restringido e passa a significar “sensação do belo”. Diz Mignolo (2011) que é assim como nasce a estética como teoria e a arte como prática. Com os trabalhos do pensamento adiantados a aesthesis foi colonizada pela estética.

Así, la mutación de la aesthesis en estética sentó las bases para la construcción de su propia historia, y para la devaluación de toda experiencia aesthética que no hubiera sido conceptualizada en los términos en los que Europa conceptualizó su propia y regional experiencia sensorial. (2010, p. 14).

Pondera Mignolo (2011) que a estética como aesthesis é um fenômeno presente em todos os organismos vivos que contam com sistema nervoso, mas a estética se foca somente nas sensações relacionadas com a beleza, desde a teoria. Tal deslocamento de enunciação concebe a arte de cena de rua como possibilitadora da compreensão da realidade para pensar na relação mulher-espaço, tendo em conta que é desde o conceito de aesthesis que autores como Thibaud propõem uma leitura da cidade para construir o urbano.

A vantagem da abordagem sensível reside não somente no caminho que ela abre em direção a uma fenomenologia da experiência urbana, mas também no sentido que ela empresta à criação da própria cidade. Não é por acaso que o meio ambiente sensível se encontra na junção entre a qualidade de vida dos moradores, as estratégias socioeconômicas da cidade e as questões ecológicas. (2012, p. 11)



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Logo, ler ou lugar a partir do corpo, corpo sensível, corpo experiente permite adquirir uma concepção do lugar, que se estende ao ser, não de maneira exterior senão permitindo conformar uma junção, ser e espaço urbano que se complementam e se definem reciprocamente. É no corpo onde se gera o conhecimento da cidade a partir dos traçados que ele faz, quando fica nele uma memória de sua experiência como criador.

Dá-se prioridade ao corpo na medida em que através deste se produzem atravessamentos profundos que propõem uma racionalidade que não seja distante do corpo e da alma e que escapam à parametrização do cenário urbano. O corpo começa a experimentar outros usos do espaço urbano e diferentes formas de habitar e permite ao ser se desenvolver em outras dimensões ético-políticas.

A corporeidade proposta pelos estudos da cidade nos conduz a nos questionar a possibilidade que todos os corpos têm de praticar a cidade, de circular nela e no tipo de experiência sensorial. Deste modo, dita criação a partir da prática não poderia ser possível na medida em que aspectos como o tempo de circulação dos corpos está mediada pelos padrões dados pelo patriarcado e pelo capitalismo.

Portanto a abordagem da pesquisa baseia-se em três questões que são dispostas para a discussão a partir da experiência da Maiêutica: a concepção do corpo feminino como criador segundo o discurso científico validado pelo pensamento moderno, a arte como Aiesthesis decolonial como compreensão da realidade, e a criação do espaço urbano a partir das corpografias produzidas na performance da Maiêutica, na contramão do apavoramento do corpo feminino.

O dilema do corpo criador

Levando em consideração o discurso científico ponderado pelo modernismo que em si tem criado a diferença colonial, segundo autores como Walter Mignolo (2003), partimos de algumas ponderações de vários autores sobre como partir dos discursos científicos tem designado ao corpo



feminino como débil desde sua relação de sexualidade. Desde estes discursos, que mantêm a ordem binária, tem se legitimado a inferioridade da mulher com respeito ao homem, justificada a partir da sua corporeidade.

Por exemplo, Emily Martin (1998) faz uma crítica de como os textos médicos colocam os processos dos órgãos reprodutores masculinos como produtores e renovadores, com respeito aos femininos, considerados como degeneradores e desperdiçadores. O texto de Martin, escrito para pensar nos prejuízos gerados desde esta ótica, permite refletir também a respeito de como o corpo feminino é submisso no que se refere à criação, observado desde a micro-lente da relação óvulo-esperma.

Laqueur (2001) refere-se aos modos como, entre outros, o estruturalismo nos ensinou a compreender o mundo na relação de semelhança e diferença. Dando, por exemplo, aos elementos da natureza o peso simbólico de feminino ou masculino.

Por sua vez, Citeli (2001), retoma a ciência, em especial, a biologia para analisar como ao longo do tempo tem se desenvolvido obras de “cientistas proeminentes” que, tem desqualificado as mulheres no sentido corporal, intelectual e moral, causando preconceitos sociais ainda vigentes.

III. Metodologia

O corpo feminino como criador

O processo experimental de pesquisa à procura da valorização da experiência dada na encenação da performance Maiêutica na rua, leva em consideração a forma como o corpo feminino ou os vários corpos presentes dados a partir do desdobramento produzido no parto acontecido da performance propõem uma forma de pensamento que subverte a lógica imposta pelo capitalismo nos ambientes espetacularizados e do patriarcalismo que dá aos corpos um lugar determinado (casa-rua).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Partimos da hipótese da construção de uma metáfora possível da Maiêutica como parto de si mesma para pensar que ao mesmo tempo em que o corpo pode se parir também está possibilitando a criação de seus lugares no ambiente citadino.

A criação do espaço urbano requer certa liberdade do corpo para ele potencializar o uso dos sentidos. No entanto, a cidade contemporânea se apresenta como dominada pelos discursos do medo, cenário difícil para os sujeitos criarem e praticarem os espaços da cidade em liberdade. Regina Favre (2011) menciona:

Nesse estado de apavoramento que atinge a todos, somos tomados pela vivência da desagregação somática desencadeada pela resposta reflexa do tronco cerebral. Com o reflexo do susto, o processo somático imobiliza e suspende sua continuidade como um modo de barrar a excitação excessiva, fatal para o córtex cerebral.

Se bem a situação atinge a todos os sujeitos presentes na cidade, coloca-se em discussão a capacidade criadora do corpo feminino cujo córtex cerebral, como indica Favre, é atravessado pelo medo constante do discurso presente nos feminicídios, estupros, e outros tipos de manifestações violentas, que para além de legitimar o gênero como sistema binário homem/mulher, exerce uma coerção sobre os lugares e como devem ser ocupados: casa-mulher e rua-homem.

Assim, a pesquisa é orientada por ações consideradas como micropolíticas ou micro-resistências que colocam o corpo como instrumento do conhecimento da cidade. Britto e Jacques (2008) propõem o uso do corpo para flunar, perambular pela cidade e possibilitar que os sujeitos em contato com o espaço criem suas corpografias, consideradas cartografias construídas pela corporeidade, experiência que difere da relação de espetacularização à qual a construção da urbe parece se encaminhar com a construção de, entre outros, ambientes como os shoppings.

Quando o(s) corpo(s) presentes na Maiêutica entram no espaço urbano para experimentá-lo, para completar a performance por meio da experiência da rua, permitem a observação de uma estrutura social e os conflitos que nela se apresentam. Os olhares e afetos que a performance



acordam nos sujeitos que conduzem a pensar no espelho mágico proposto por Víctor Turner (Citado por Dawsey, 2005) a partir do qual a sociedade pode ver-se a si mesma desde vários ângulos.

Deste modo a experiência do corpo performático como corpo analítico-ético-político na forma em que a performance acontece nos leva a considerar as formas nas quais ela é dada em relação ao tempo e espaço, mas também à forma em como o corpo feminino é olhado em contextos que transgredem os comportamentos e condutas que tem sido consideradas aceitáveis no espaço público, como neste caso, ainda seja simbólico, o fato de parir na rua.

As estranhezas geradas no decorrer da performance de rua *Maiêutica* alimentam não somente o processo criativo da performer, mas processos moleculares de como pensar no espaço dos corpos marginalizados da criação do espaço urbano, a partir das errâncias urbanas (Britto & Jacques, 2008), consideradas como apologias da experiência da cidade, que pode ser praticada de forma voluntária por qualquer um.

A observação da experiência da *Maiêutica* no contexto da criação do espaço urbano conduz a pensar em metodologias decoloniais enquanto os corpos acompanham os movimentos para encontrar as corpografias urbanas que do jeito proposto pela performance se apresentam sem roteiro, mas também colocando o corpo como construtor de pensamento. O corpo da *Maiêutica* abre os caminhos para que o pesquisador entre com seu corpo na cena como outro corpo receptor das impressões que a performances acorda. A observação não se faz mais somente através do olhar com os olhos, mas com o corpo todo, ele participa, é capaz de afetar e ser afetado. Deste modo, a observação não se faz com o olhar distante, mas do corpo próximo.

IV. Análise e discussão de dados

Como tem sido mencionado nos tempos atuais, a cidade é conhecida e reconhecida por crimes, assaltos, violência e medo. O correlato arte-vida é então possibilitador da criação de lugares



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de esperança. No sentido da *aesthesis* decolonial, os sentidos como potencializadores na construção de outra relação entre o ser e o lugar.

A proposta da metáfora de criação do espaço urbano que nasce da *Maiêutica* foi possível a partir da seguinte observação-participante:



10 de setembro de 2016, 21h30, Praça da Mandioca (Cuiabá- MT)

Localizada no centro de Cuiabá, a Praça da Mandioca é um lugar de reinvenção. Com o decorrer dos anos tem-se convertido num espaço fervoroso para o acontecimento de atos culturais e de lazer. Na data assinalada se comemora o evento *Arte e cultura na*

Mandioca que reúne as pessoas a partir de uma programação de atividades para todo tipo de público. É de noite, é sábado e as pessoas estão compartilhando, rindo a gargalhadas, contando histórias, trocando olhares, bebendo cervejas, comendo... praticando a cidade na Rua Pedro Celestino. De repente há uma ruptura no decorrer do tempo, um acontecimento artístico, um acontecimento da vida os surpreende. Aparece um corpo ou dois corpos em um, um corpo parecido a *As duas Fridas*¹. Mulher? Boneca? Cidadã? Inumeráveis possibilidades do ser. No mesmo corpo, boneca e atriz estão unidas por um fio de sangue, são inseparáveis. É a atriz Raquel Mützenberg e sua boneca na performance *Maiêutica*.

O corpo entrou no meio da rua, está entre as pessoas quem aos poucos irão descobrindo-o. O rosto da atriz permanece tampado, ela olha através da boneca, mas é realmente a boneca quem nos olha e nos, participantes, olhamos através dela. Seus olhos grandes são reflexivos, há neles uma mistura entre dor, alegria, e ternura, ela cativa. Esse poderia ser um rosto desconhecido que poderia

¹ Pintura da artista mexicana Frida Kalho elaborada em 1939.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ser encontrado em corpos conhecidos. Ela passa, atravessa. Está grávida. Movimenta-se suavemente, o corpo fala dos seus sentimentos, de suas angustias. Está em processo de parto.

Há dor. Ela coloca uma mão numa cadeira, e fica agachada. Começa gemer. Está próxima ao parto. As pessoas da mesa onde sua mão descansa olham para ela, seu assombro acorda outros olhares. Não produz sons, seu corpo é capaz de expressar dor através do silêncio. Abre a boca e seu rosto muda, muda a partir dos rostos que a olham. Seu corpo avança e as pessoas que a perseguem tiram fotos dela ou simplesmente a analisam. De repente ela se aproxima a uma mulher e a mulher se aproxima a ela. A boneca pega a mão da espectadora e a coloca em seu ventre, a mulher parece comovida, é convidada a sentir as palpitações da vida dentro da boneca, a abraça forte. Os corpos são difusos só se enxerga o sentimento. Há um grande elo de afetos.

Outra mulher toca sua barriga, tenta ajudá-la, só dá um sorriso. Perto delas se escuta uma criança que pergunta ao pai quem é ela, o que ela tem. O pai diz ao filho que ela está grávida. A criança continua perguntando estranhado sob a criatura e insiste em perguntar, ele quer saber o que é que ela tem “aí dentro”.

Ela continua caminhando. Está sem sapatos. Se coloca no meio da rua. Seu corpo sente a dureza do asfalto, como as mulheres sentimos a dureza dessa cidade que se apresenta como um cenário de medo. Ela intervém o espaço urbano em direção ao seu desejo. Está sozinha se dispõe a parir, a parir-se. A rua é dela. Ela criou esse espaço para si, para se criar, para se amamentar, para nascer. As pessoas continuam observando, houve uma ruptura. A função da rua mudou. Ela segura a cabeça no seu colo. Depois do nascimento nesse lugar, a cabeça retorna a sua posição, carregada de uma experiência de criação.

A maiêutica como metáfora decolonial



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Raquel manifesta que a performance tinha sido apresentada em outros palcos, mas só foi na rua onde alcanço sua completude. A ideia veio da experiência de uma amiga que próxima a parir desceu do carro que a levava ao hospital e decidiu iniciar o trabalho de parto na rua. Durante a performance, o corpo da atriz entra em contato com o espaço para criar seu lugar para a Maiêutica. Sua participação na cidade é espontânea, ela pratica a errância, seu corpo não tem roteiro para agir, não está apavorado como os corpos aos que Favre (2011) se refere.

A diferença do corpo feminino, o corpo ou os corpos presentes sobre os quais a Maiêutica permite pensar não entram no espaço urbano para sobreviver, mas para viver, para parir o lugar. Como diz Raquel, a performance possibilita atravessar a “lógica” da rua porque dá lugar aos afetos. É possível parir no espaço urbano e também parir o espaço urbano.



Dentro da performance são geradas múltiplas corpografias registradas em fotos, que dão conta dos traçados que os corpos registram. O caminhar e os traçados dos corpos da atriz e da boneca propõem uma prática própria emancipadora para possibilitar os movimentos dos corpos impossibilitados. A maiêutica ao permitir o ingresso desse corpo em espaços impensáveis de serem praticados e de tempos guarda nessa ação na rua sua maior potência. A criação da própria cidade é dada a partir da errância dada na sarjeta, no asfalto, no beco, na vala do VLT, à noite, durante o período diurno, sozinha ou no meio da multidão. Os traçados desse corpo errante permitem entretecer trajetos subjetivos que transcendem da experiência enquanto são carregados de afetos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ainda a mulher seja o sujeito de estudo deste texto, é importante retomar o debate gerado por Judith Butler (2003) quem questiona o uso da categoria mulher pelo feminismo, porque supõe uma universalidade categórica. E possibilitar a partir da ideia de nascimento presente na maiêutica desafiar a ordem binária do feminino-masculino para a criação do espaço, ou do que Lefebvre denominou de “o direito à cidade” para outros corpos impedidos desse processo criativo como os travestis e transexuais, as crianças, entre outros, quem também têm restrições espaço-temporais. Assim, quando falamos de corpos presentes pensamos em múltiplas possibilidades para esse nascimento dado na Maiêutica.

V. Considerações finais

A construção do corpo feminino, atravessado pelas discussões que desvalorizam suas capacidades desde vários vieses, é colocada para questionar a forma como este pode ou não contribuir na geração de uma cidade inclusiva e para desvelar formas de opressão e negação que colonizam os corpos. Esse corpo não somente é impedido no sentido prático de perambular na cidade, sobretudo no período noturno, mas desde sua capacidade de criação quando se pensa no discurso científico desde seu caráter de “objetividade”.

A maneira como o corpo absorve a informação permite não somente refletir nos processos corporais ou intersubjetivos nas cidades, mas estabelece um desvio para subverter os discursos e práticas como micropolíticas urbanas para pensar na leitura sensível do espaço urbano dada pelo corpo feminino como uma ferramenta política, estética, analítica e necessária na compreensão da realidade da cidade.

Tomando a rua como espaço de criação da cidade a partir da experiência mediada pelos corpos, corpos das pessoas, segundo a categoria de análise proposta por Pelúcio (2006) na sua etnografia sobre os travestis no cenário Paulista, é possível ver como esses corpos são atravessados não somente por ações concretas de violência, mas por discursos que apoiados no saber científico



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

questionam suas capacidades que suportam o simulacro de medo que os orienta a sobreviver e não a viver, a criar.

A proposta de estudar a performance na cena de rua maiêutica da atriz Raquel Mützenberg em Cuiabá se coloca como exemplo de uma arte criadora preocupada por questões contemporâneas da cultura que possibilitam saberes localizados, desde conexões corpo e espaço urbano para a criação de lugares a partir dos afetos que subvertem, por exemplo, o conceito de perigo e medo dos corpos em relação com a rua.

A metáfora construída desde a performance estabelece um diálogo entre a arte a cidade, vista desde a Aiesthesis decolonial, para fazer uma ruptura da “lógica” da história que privilegia a presença do corpo masculino como criador e ator do cenário citadino.

VI. Bibliografia

- Bello Medina, H.Y. (2017). *100 em 1 dia Cuiabá: micropolíticas urbanas na relação Colômbia-Brasil* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Britto, F. D., & Jacques, P. B. (2008). Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Cadernos PPG-AU/UFBA*, 7(2).
- Citeli, M. T. (2001). Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. *Estudos feministas*, 131-145.
- Dawsey, J. (2005). Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), 13(13), 163-176. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p163-176>
- Favre, R. (2011). Um corpo na multidão: do molecular ao vivido. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 15(37), 621-628.
- Guattari, F. (1977). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografia do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo – Corpo e gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Martin, E. (1996). O óvulo e o espermatozoide: como a ciência construiu um romance baseado em papéis estereotipados masculinos e femininos. In: Laslet, B. (org.). *Gender and scientific authority*. Chicago: University of Chicago.
- Mignolo, W. (2011). Aiesthesis decolonial. *CALLE14: revista de investigación en el campo del arte*, 4(4), 10-25.
- _____. *Histórias locais, projetos globais. Colonialidade, pensamento liminar e saberes subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Pelúcio, L. (2006). O gênero na carne: sexualidade, corporalidade e pessoa: uma etnografia entre travestis paulistas. *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Blumenau: Editora Nova Letra, 189-216.